



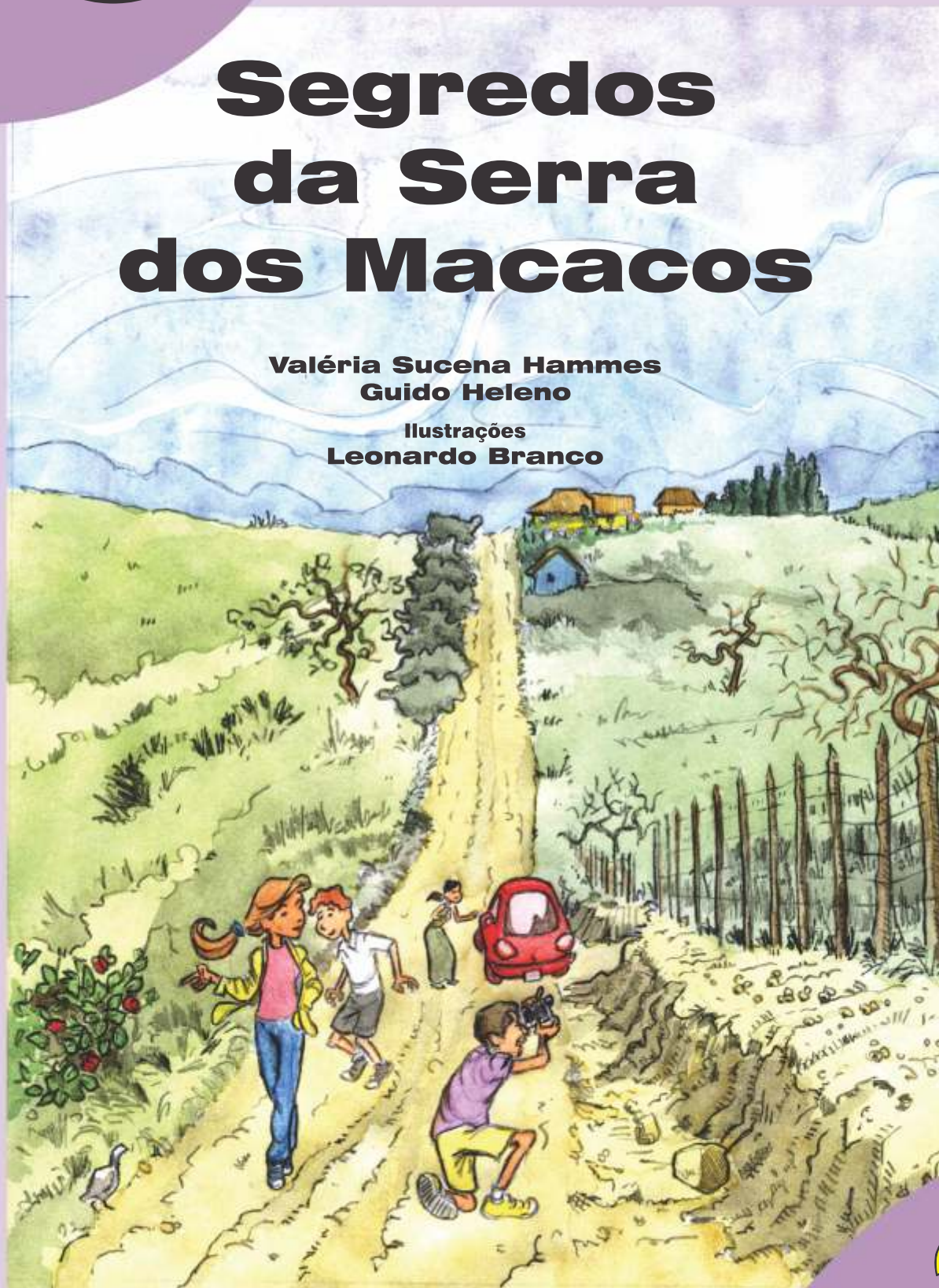
Série

Educação e Cidadania

Segredos da Serra dos Macacos

**Valéria Sucena Hammes
Guido Heleno**

**Ilustrações
Leonardo Branco**



Série Educação e Cidadania

Segredos da Serra dos Macacos



*Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento
Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária*

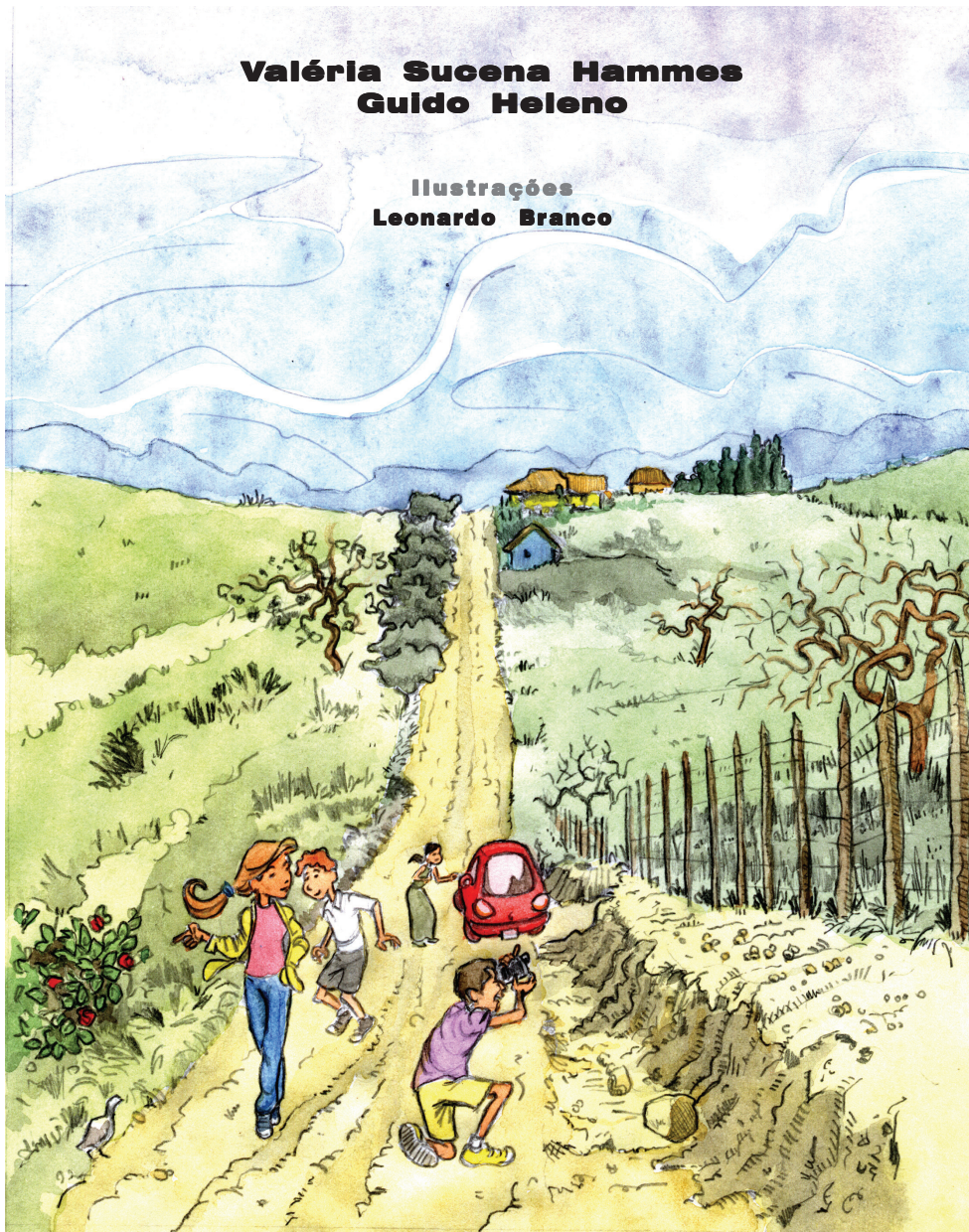
*Prefeitura Municipal de Patos de Minas
Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Esporte e Lazer*

Série Educação e Cidadania

Segredos da Serra dos Macacos

**Valéria Sucena Hammes
Guldo Heleno**

**Ilustrações
Leonardo Branco**



Embrapa Informação Tecnológica

Brasília, DF

2004

Exemplares desta publicação podem ser solicitados na:

Embrapa Informação Tecnológica

Parque Estação Biológica (PqEB), Av. W3 Norte (final)
CEP 70770-901 Brasília, DF
Fone: (61) 3448-4236
Fax: (61) 3448-2494
vendas@sct.embrapa.br
www.embrapa.br/liv

Coordenação editorial

Edson Junqueira Leite
Lucilene Maria de Andrade

Edição e consultoria pedagógica

Elisa Guedes Duarte

Orientação técnico-pedagógica

Gisele Santos Damasceno
Marluci Maria Castro
Vicente Guedes

Revisão de texto

Corina Barra Soares

Projeto gráfico da série e capa

Carlos Eduardo Felice Barbeiro

1ª edição

1ª impressão (2004): 1.500 exemplares

2ª impressão (2008): 1.000 exemplares

3ª impressão (2010): 1.000 exemplares

Edição especial para o *Fome Zero* (2004): 1.500 exemplares

Edição especial para o Convênio Incra/Faped/Embrapa (2006): 1.000 exemplares

Edição especial para o *Fome Zero* (2007): 1.088 exemplares

Edição especial para o *Fome Zero – Quilombolas* Aditivo (2010): 380 exemplares

Prefeitura Municipal de Patos de Minas

Secretaria de Educação, Cultura, Esporte e Lazer
Rua Tenente Bino, 32, sala 11
CEP 38700-108 Patos de Minas, MG
Fone: (34) 3822-9660
Fax: (34) 3822-9676
semec@patosdeminas.mg.gov.br

Coordenação do Projeto EdufaRural

Gisele Santos Damasceno
Supervisora Educacional

Marluci Maria Castro
Professora

Concepção do Projeto EdufaRural

Vicente Guedes

Elaboração do Projeto EdufaRural Original

Sérgio Celani Leite

Todos os direitos reservados

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte,
constitui violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP
Embrapa Informação Tecnológica.

Hammes, Valéria Sucena.

Segredos da Serra dos Macacos / Valéria Sucena Hammes; Guido Heleno; ilustrações, Leonardo Branco. — Brasília, DF : Embrapa Informação Tecnológica, 2004.

46 p. : il. color. — (Série educação e cidadania)

ISBN 85-7383-259-2

1. Educação Rural. I. Heleno, Guido. II. Branco, Leonardo. III. Título. IV. Série.

CDD 370.917 34 (21.ed.)

© Embrapa 2004

Apresentação

Esta publicação é parte de um projeto concebido e executado pela Prefeitura Municipal de Patos de Minas, MG, em parceria com a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Embrapa –, que participou deste empreendimento fornecendo suporte metodológico, contribuindo com sugestões de implantação, gestão e avaliação e provendo de informações técnico-científicas.

A preocupação com o ensino praticado nas escolas do campo, especialmente na busca de novas formas de intervenção e abordagem do contexto rural, além de meios de valorização da família agricultora, deu origem ao *Projeto Educação Familiar Rural – EdufaRural* – construído no espaço rural patense, desde 2002. Tal projeto visa envolver as comunidades com um “fazer educativo” que atenda a seus interesses e necessidades. Deriva do reconhecimento, por parte da Administração Municipal de 2001–2004, da importante função dos agricultores familiares para a economia, a sociedade e a cultura do município. Também decorre da constatação de que a gente do campo é determinante para o processo de desenvolvimento sustentável. Reúne todo um trabalho de estratégias, que incorporaram adequação curricular, aulas em forma de projetos diversos, dias de campo, palestras, pesquisas escolares e demais ações educativas sobre produção agrícola, criação animal, proteção ao meio ambiente e preservação cultural. Tudo isso, é claro, convivendo com os conteúdos curriculares universais.

A Embrapa busca, pela pesquisa e desenvolvimento, novos caminhos, com o objetivo de tornar a vida no campo mais harmônica e produtiva. Coopera, assim, para a promoção da qualidade de vida daqueles que sustentam o Brasil com um trabalho árduo e incessante. À iniciativa de fomentar o desenvolvimento rural sustentável, em cooperação com a municipalidade de Patos de Minas, somaram-se novos propósitos, relacionados à educação escolar. É o reconhecimento de que o componente humano está no centro do processo de desenvolvimento, e que a educação e o trabalho digno são condições de humanização.

Este produto editorial representa, assim, um compromisso interinstitucional, cujos parceiros somam forças na construção de soluções qualificadas para os complexos desafios do desenvolvimento, tendo como enfoque a cidadania da família do campo em harmonia com o meio ambiente.

O livro possui vida própria, mesmo sendo componente do Projeto EdufaRural. Integra a série Educação e Cidadania, que tem por objetivo a valorização de saberes locais. Essa série é resultado de uma construção coletiva, da qual participaram educadores, escritores, ilustrador e pesquisadores em desenvolvimento rural e meio ambiente. Como trabalho pioneiro, não pretende ser completo nem isento de falhas. Sabe-se que, em seu trajeto, o livro será avaliado e redirecionado, como, aliás, acontece com toda obra humana. Os parceiros ficam antecipadamente gratos a quem apresentar sugestões para enriquecê-lo.

O material paradidático, de apoio aos educadores que atuam no Ensino Fundamental do meio rural, virá acompanhado por um caderno de exercícios que, longe de pretender exaurir todas as possibilidades, objetiva oferecer um guia para o trabalho docente.

A meta é o aprimoramento da formação do homem e da mulher do campo, como cidadãos de primeira classe, capazes de viver no meio rural e no urbano, de forma competente para transformar a sociedade e construir a história.

Clayton Campanhola
Diretor-Presidente da Embrapa

José Humberto Soares
Prefeito de Patos de Minas

Aos alunos

Aluno-personagem

*Este livro traz
retratos da vida
das coisas corriqueiras às mais ousadas
que vão tecendo a história
que vão contando histórias...
Deixe-se envolver
confundir-se
com essas tantas pessoas
que nele habitam...
Tudo é permitido:
vibrar com suas conquistas
chorar – mesmo que às escondidas
por qualquer motivo
que aflore a emoção
franzir a testa
nos momentos de desafios...
E tocar em frente:
fazendo
refazendo
somando
atando
desatando
partilhando...
Viaje por esse mundo!
Desvende
Vivencie
Descubra
Recrie
Se assim o desejar...*

Marluci Castro

“Antes a vida, ávida. A vida – o verde.
Verdeja e vive até o ar, que o colibri chamosca.
O mais é a mágica tranqüilação,
Mansão de mistério.
Estância de doçura e de desordem.”
Guimarães Rosa



Mistérios de uma viagem

Fabiana e Henrique eram dois irmãos muito unidos, não tinham segredos um para o outro. Embora gêmeos, fisicamente eram bem diferentes. Por causa disso, viviam explicando que gêmeos bivitelinos, como eles, não têm genes idênticos. Somente os gêmeos univitelinos têm a mesma aparência, isto é, o mesmo sexo, o mesmo tipo de cabelo, a mesma cor dos olhos, enfim tudo semelhante. Gêmeos bivitelinos têm em comum apenas o fato de nascerem na mesma data, de um mesmo parto.

Para provocarem Henrique, os amigos comentavam que a natureza caprichara mais nas feições de Fabiana, que se destacava por sua beleza e simpatia. Com 15 anos, tinha sido eleita a Rainha da Festa do Pimentão de Campo Florido.

Bem que ela gostaria que seu povoado produzisse algo mais condizente com a beleza de uma rainha. Assim, ela poderia ser, por exemplo, a Rainha da Festa do Morango, ou da Maçã. Mas Campo Florido era mesmo conhecido por sua grande produção de pimentão.

Henrique era uns dez centímetros mais alto do que a irmã e herdara as feições paternas. De longe, podia ser reconhecido por seu jeito pesado de caminhar.

Assim como a maioria dos jovens de Campo Florido, Fabiana e Henrique provinham de uma família que se dedicava à produção de pimentão. Claro que os horticultores da região também produziam outras coisas, como tomate, couve, cenoura, beterraba, mandioca, milho, café... Mas o forte da região era mesmo o pimentão, de diferentes variedades.

– Henrique, o Lino está demorando. Será que aconteceu alguma coisa? – perguntou Fabiana, olhando a rua pela vidraça da sala e constatando que ainda não era dia claro e que havia um pouco de neblina.

– Ele está atrasado mesmo! Disse que passaria aqui antes das seis. Quer que eu ligue para ele?

Fabiana, apesar de inquieta, achou melhor esperar um pouco mais. Sentou-se sobre sua enorme mochila, abarrotada de roupas e tênis, enquanto amparava, com os pés, mais duas sacolas contendo produtos de beleza e de higiene pessoal. Por causa do exagero da bagagem, era alvo de gozações por parte do irmão que, somente numa mochila, dizia ter o bastante para passar até um mês fora. E iam ficar apenas uma semana... A bagagem maior, que já estava no alpendre da casa, eram as barracas para acampar e os sacos de dormir.

O primo Lino, com 19 anos, cursava Engenharia Ambiental numa universidade, em Ouro Preto. Todos reconheciam que ele escolhera o curso certo, pois sua atração pela natureza era visível desde criança. Gostava de investigar árvores, preparar canteiros de hortas, plantar sementes de árvores nativas, defender os animais e se enfurecia quando encontrava lixo espalhado por toda parte.

Seu Danilo, pai de Lino, costumava dizer que o filho herdara do avô, seu João Lino Mendes, um notável pesquisador e defensor do meio ambiente, o gosto pelas coisas da terra. Foi lembrando disso que Henrique, já impaciente com a demora do primo, comentou:

– Vai ver ele foi plantar mais uma árvore, antes de vir pegar a gente.

– Ou está filmando paisagens sob neblina, para seu trabalho da faculdade. Ele não se esquece dela nem nas férias!

Mal Fabiana terminou o comentário irônico, ouviram as três buzinas que anunciavam a chegada do primo. Agora era pegar as tralhas e organizar tudo no carro. Se não fosse o bagageiro externo, dificilmente conseguiriam acomodar tudo aquilo. Enquanto ajeitavam as coisas, os pais de Fabiana e Henrique faziam as costumeiras recomendações:

– Crianças, tomem cuidado! – aconselhou dona Dulce.

– Pode deixar, mãe, já somos bem crescidinhos, viu?



Dona Dulce, rindo da observação de Henrique, justificou que mãe sempre acha que os filhos, mesmo grandes, continuam precisando de cuidados. Depois, abraçando o filho, pediu mais uma vez que não se desgrudasse da irmã e tomasse muito cuidado. Seu Pedro abraçou os filhos demoradamente e insistiu que ligassem todos os dias, mesmo que fosse a cobrar.

– Pode deixar, pai. O senhor e a mamãe vão ter notícias detalhadas de toda a nossa viagem. Vou contar até dos espirros e das dores de barriga – brincou Henrique.

– Bênção, tia! Bênção, tio!

– Deus te abençoe, Lino. E cuide bem desses dois, tá?

Lino lhes garantiu que os primos estariam em boas mãos. Foi saindo com o carro, enquanto observava os tios pelo retrovisor.

– Galera, desculpe pelo atraso, meu relógio não despertou e dormi mais que a cama! Nossa, a Estela também deve estar cansada de tanto esperar...

– E quem é Estela?! – perguntaram, ao mesmo tempo, os gêmeos.

– Estela é uma amiga que conheci há poucos dias, numa festa junina em Lagoa dos Patos. Conversando com ela, descobri que mora numa comunidade próxima à Serra dos Macacos. É professora e está passando uns dias na casa de sua madrinha. Ela voltará de carona com a gente, servindo como cicerone nesta nossa aventura.

– Ela já sabe do nosso segredo, Lino?

– Sim, Henrique, e pode nos ajudar muito, pois conhece bem a região.

– Que bom poder contar com a ajuda de mais uma aprendiz de detetive! – brincou Fabiana.

– Gente, os tios não quiseram impedir esta viagem? Meu pai não gostou nada da idéia, mas não pôde se opor, já que tenho que concluir meu trabalho para a faculdade.

– Inicialmente, nossos pais demonstraram uma certa inquietação, mas como vinham prometendo, há tempos, que deixariam a gente acampar com você... Além do mais, acham que vai ser muito interessante participarmos de seu trabalho.

– Você só se esqueceu de uma coisa, Rique, como diz nossa mãe: tá com o Lino, tá com Deus!

Os três jovens não se sentiam mentirosos ou enganadores. Realmente passariam uns dias acampados, em contato com a natureza, e Lino, durante a viagem, faria fotos, filmagens, enfim, colheria dados para enriquecer o seminário que estava preparando para apresentar na faculdade sobre os impactos ambientais resultantes da exploração econômica do Cerrado. Portanto, deveria ficar de olhos bem abertos para não perder nenhum detalhe.

– Primo, conta a verdade, a Estela é sua namorada, não é?

– Não. Embora a gente se conheça há poucos dias, eu já a considero uma grande amiga. Além de servir de guia, ela poderá revezar comigo na direção durante a viagem.

Percorridos alguns quilômetros e depois de muito bate-papo, chegaram à Fazenda Pilares, onde morava a madrinha de Estela. A moça já estava esperando no portão e foi logo se apresentando, enquanto Lino se esforçava para acomodar sua bagagem no veículo.

Estela aparentava ter uns dois anos a mais que Lino e era bem bonita: esbelta, cabelos ruivos, sorriso largo, além de ser muito simpática e comunicativa.

– Vocês são a Fabiana e o Henrique, não? O Lino falou muito sobre vocês. Espero que esta viagem seja ótima e que vocês consigam fazer tudo o que pretendem. E podem contar comigo!

– Tomara! – respondeu Fabiana, não escondendo sua ansiedade em desvendar aquele segredo de família.

Henrique não escondia sua alegria por ter mais alguém participando da viagem. Gostava de conhecer pessoas, de fazer amigos.

– Olha, não vejo a hora de pegar a estrada, conhecer novos lugares. Acho que daqui a pouco não teremos mais neblina pela frente. É a primeira viagem que faço sem meus pais. Depois, vou até escrever um livro sobre a aventura que estamos vivendo. Bem que eu queria viajar sozinho, mas tenho uma sombra me acompanhando – finalizou Henrique, encostando-se na irmã, indicando quem era a sombra.

Estela riu daquela maneira atropelada de Henrique falar, de contar muitos fatos de uma só vez. Ela sabia que aquilo era uma tentativa de esconder a ansiedade própria da idade.

Depois de tudo ajeitado e de devidamente apresentados, a convite de dona Dalva, madrinha de Estela, os jovens entraram para saborear mais um café fresquinho, com biscoitos de polvilho.

– Bom, dona Dalva, seus biscoitos são realmente irresistíveis! Sua afilhada contou-me que sempre fizeram sucesso lá na Serra dos Macacos e agora fazem aqui.

– Obrigada, Lino, você é muito gentil!

– Todos da família dizem que a Dindinha fisgou o padrinho Zé pelo estômago – disse Estela, abraçando a madrinha. – Quando ela se casou e se mudou para esta fazenda, onde o padrinho já morava, senti muito. Por isso venho, pelo menos duas vezes por ano, passar uns dias por aqui. Mato a saudade e engordo uns quilinhos.

– Não duvido, Estela, dona Dalva é muito simpática e, pelos biscoitos, dá para perceber que é uma grande cozinheira – concluiu Lino.

– É verdade, dona Dalva, estão ótimos. Mas, Lino, não podemos ficar para o almoço, estamos atrasados!

Fabiana riu da brincadeira de Henrique, pois conhecia sua fama de bom-garfo... Depois, apressou despedidas e agradecimentos, encaminhando-se para a porta, enquanto acenava para dona Dalva, que retribuía com o mesmo gesto.

– Tio Alberto, aqui vamos nós – disse Lino animadamente.

Um tio banido

À medida que o veículo avançava, velhas lembranças voltaram à memória de Lino.

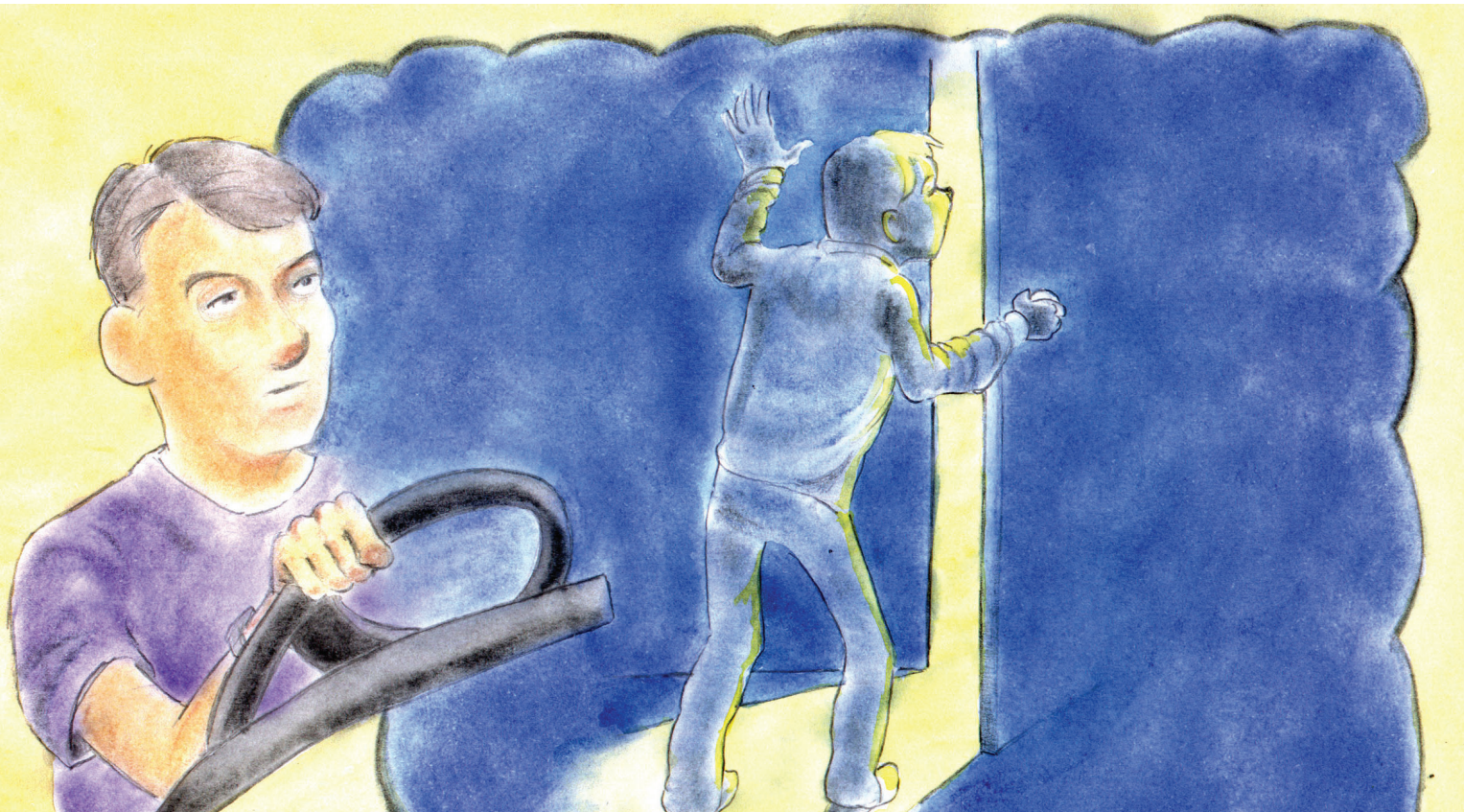
Mentalmente ele se transportou para a infância, para uma festa em família, que reunira todos os parentes na casa de seu avô. Com seis anos na época, lembrava-se da presença de um tio Alberto e, como flashes, vinham-lhe à memória gente gritando e chorando, alguém querendo apaziguar, pratos quebrados, o medo que o fizera se esconder num quarto.

Mais tarde, com aproximadamente dez anos, tomara coragem e mencionara aquele episódio aos pais, querendo, desta vez, saber mais sobre esse tal tio Alberto. Estranhamente, não obtivera nenhuma explicação. Da mesma forma, Henrique e Fabiana tinham recebido uma resposta evasiva do pai, que apenas comentara que aquele era um assunto morto e enterrado. Com isso, os três jovens entenderam que só poderiam discutir o assunto entre si.

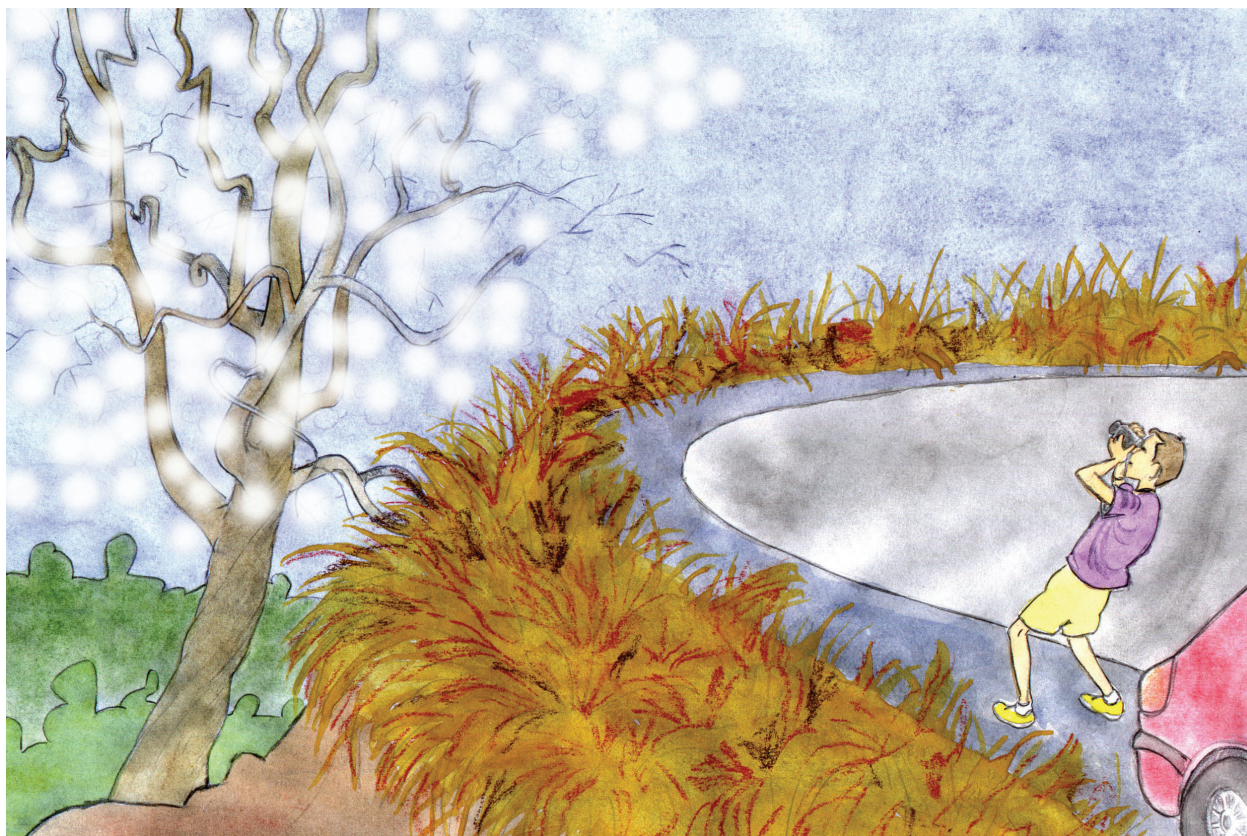
Algum tempo depois, ao chegar da escola, Lino ouvira a mãe comentar com a vizinha sobre um cunhado maluco, de quem não sabiam notícias fazia muitos anos, que devia morar numa região chamada Serra dos Macacos. De posse daquela pista, Lino e os primos começaram a pesquisar, em mapas, a localização daquela região. Tanto mistério só fazia atizar a vontade de conhecer aquele membro desgarrado da família e tentar entender toda a história, as razões que o afastaram do convívio familiar, já que não acreditavam que fosse um criminoso, um monstro.

A oportunidade chegara e agora ele e os primos contavam com uma importante aliada, Estela. Desvendariam, finalmente, aquele mistério?!

Aquele mergulho no passado fez Lino esquecer-se momentaneamente do outro propósito da viagem: levantar material para o seminário sobre o Cerrado.



De galho em galho



Lino, como bom condutor que era e inveterado ambientalista, queria persuadir seus acompanhantes a se tornar bons observadores para que pudessem auxiliá-lo em seu trabalho acadêmico.

– Olha, pessoal, sei bem o que vocês estão sentindo...Também quero saber do paradeiro do nosso tio. Mas que tal aproveitarmos cada quilômetro da viagem para mergulhar nessa maravilha denominada Cerrado?!

– Você tem razão, Lino, quero me inteirar do assunto, pois esta é uma oportunidade única de ser orientada por um craque em meio ambiente, não é mesmo, meninos?!

– Falou e disse, Estela. Quem esperou tanto tempo pode esperar um pouco mais – concordou Henrique.

– Olhem que ipê maravilhoso! Não vai filmá-lo, primo? – inquiriu Fabiana.

– Claro, prima, vamos começar a via-sacra.

Lino parou o carro, pegou o equipamento e se dirigiu para o local onde, majestoso, esvoaçava um raríssimo ipê-branco.

– Isto é mesmo um presente de Deus, gente!

– Você sabe como contagiar as pessoas, Lino!

– O que posso fazer se a natureza é minha paixão, Estela?!

– Pode caprichar nas imagens! – brincou a amiga.

– Pessoal, todos a bordo! – ordenou Henrique, ao perceber que o primo terminara aquele registro.

Ao passar por uma imensa plantação de café, Lino fez mais uma de suas investidas, com o objetivo de conseguir adeptos para sua causa:

– Moçada, vocês sabiam que somente a partir da década de 70, com a criação do Programa de Desenvolvimento do Centro-Oeste – Polocentro –, é que se começou a pensar na exploração agrícola do Cerrado?

– Lino, sei que o Cerrado sempre foi utilizado para a criação de gado, em razão de suas características para pastagem natural. Quanto ao seu aproveitamento para a agricultura, não sei muita coisa – disse Henrique.

– Gente, só depois de muitas pesquisas, realizadas pela Embrapa Cerrados, por outras empresas estaduais e por universidades, é que o desenvolvimento agrícola desta região foi impulsionado. Os agricultores do Sul do País, atraídos pelo baixo custo da terra e pelas políticas de incentivo à produção no Cerrado, foram os pioneiros nessa empreitada. E hoje a região se apresenta como um importante centro nacional de produção de alimentos.

– E tudo aconteceu assim, certinho, de forma equilibrada? – interessou-se Fabiana.

– Não, Fabiana, infelizmente essa nova dinâmica nem sempre levou em conta os aspectos ambientais. O desmatamento inadequado das áreas, o manejo inadequado do solo, o uso excessivo de pesticidas e fertilizantes e outras agressões trouxeram muitas consequências negativas.

– Que consequências? – quis saber Henrique.

– Bom, Rique, foram inúmeras: extinção de espécies de animais e de plantas, compactação e erosão do solo, destruição das matas ciliares e de nascentes, assoreamento dos rios e muitas outras. Apesar de muito orgulhoso pelo interesse de vocês, continuaremos esse assunto mais tarde. Agora vamos fazer uma paradinha no restaurante anunciado naquela placa ali, para uma agüinha?!

– Uma agüinha e algo mais, né, primo?! – completou Henrique.

Saíram da rodovia, tomando uma estrada lateral, e percorreram 4 quilômetros, conforme a placa indicava.

Uma parada e tanto

Os jovens estavam maravilhados com a beleza do restaurante, denominado “Cozinha da Dona Mirta”. Quando entraram, ficaram ainda mais satisfeitos com seu interior: tudo muito limpo e organizado, exalando um cheirinho convidativo, principalmente naquele horário, um final de manhã repleta de paradas para fotos e filmagens do grupo e da paisagem. Num canto, lá estava o bom e velho fogão à lenha, que parecia hipnotizar os visitantes. Logo, logo veio recepcioná-los uma senhora simpática, que parecia ter pouco mais de 50 anos.



– Creio que a senhora é dona Mirta, estou certo? – perguntou Lino.

– Sim, sim, sou eu.

– Estamos encantados com seu restaurante – disse Estela, contando com a aprovação de Fabiana.

– Ora, ora, é muita gentileza de vocês. Fiquem à vontade. Se quiserem almoçar, não vão esperar muito.

– Essa é uma boa idéia, quero “tirar a barriga da miséria”. Quanta coisa gostosa! – deliciou-se, com os olhos, Henrique.

– Dona Mirta, até que o almoço fique pronto, posso fazer algumas filmagens e fotos por aí? É para um trabalho meu, da faculdade.

– Podem filmar o que quiser. Não me filmando...

A frase de dona Mirta foi seguida por uma farta gargalhada.

Enquanto os rapazes andavam pela fazenda, as duas moças conversaram um pouco mais com aquela agradável senhora, que lhes contou que tocava o restaurante com a ajuda das duas filhas, Márcia e Raquel, e do filho, Afonso, o mais velho. Quando as crianças eram pequenas, ficara viúva, o que aumentara suas dificuldades para tocar a fazenda. Sendo assim, precisou encontrar uma forma alternativa de aumentar a renda familiar.

– Tive que vender parte da fazenda para investir no restaurante, mas valeu a pena. Enfrentamos dificuldades, como todo mundo, mas atualmente estamos crescendo, melhorando as instalações, os serviços, além de podermos oferecer trabalho para mais duas pessoas: o seu João, que cuida da fazenda, e o Renato, que ajuda o Afonso no cultivo da horta que abastece nossa cozinha.

– A senhora é uma empreendedora, dona Mirta, sabe o que faz e o que deve fazer – elogiou Estela, que havia trabalhado com seus alunos sobre o que era “empreendedorismo”.

Fabiana, percebendo que aquela senhora tinha muito o que fazer, convidou Estela a ir até a varanda, para apreciar a paisagem e conversar.

– Então, Estela, como é sua vida na comunidade onde mora?

– Você sabe como é viver numa comunidade rural, não é? Sou órfã de mãe. Moramos eu, meu pai e meus dois irmãos em um pequeno sítio. Desfrutamos de algumas vantagens que não existem na cidade, mas enfrentamos algumas limitações. De qualquer forma, gosto muito de viver lá, gosto de ser professora e de poder contribuir com o desenvolvimento da comunidade. Aroeiras é um povoado, mas conta com o ecoturismo para complementar a renda das famílias, graças a sua localização na Serra dos Macacos e ao Parque Nacional da Serra.

– Estou louca para conhecer esse seu paraíso particular. Ouvi falar que lá é muito bonito, sem contar que quero muito desvendar a história do nosso tio Alberto.

Em seguida, as duas decidiram ir ao encontro de Lino e Henrique, anunciar que o almoço ia ser servido logo.

Os dois estavam longe da sede. Após algum tempo de investigação e registro do ambiente, Henrique puxara conversa com o primo, querendo saber mais detalhes do curso que ele estava fazendo em Ouro Preto.

– É que estou precisando me decidir, escolher uma profissão.

– Bem, eu gosto demais do meu curso... Há um campo promissor de trabalho para um engenheiro ambiental.

– Em que setor você pode trabalhar?

– O curso de Engenharia Ambiental é muito novo, Henrique. Como iniciou suas atividades só em 1997, a primeira turma se formou em 2001. Sendo assim, há poucos profissionais disponíveis e muitas possibilidades de atuação. Você sabe que a palavra de ordem é sustentabilidade, não sabe?!

– É, já li alguma coisa a respeito...

– O engenheiro ambiental tem como função primordial prever e resolver problemas ambientais, recorrendo à ciência e à tecnologia. E o que eu acho mais interessante é que podemos e devemos trabalhar em cooperação com outros profissionais, desenvolvendo um trabalho educativo, preventivo e “curativo”, se é que posso defini-lo assim. O maior desafio atualmente é conservar o meio ambiente e, ao mesmo tempo, promover o desenvolvimento econômico e social.

– Falou e disse, primo, mas, trocando em miúdos, o que é que vai fazer depois de formado?

– Ainda não tenho certeza, mas, em princípio, pretendo ser uma espécie de assessor de órgãos públicos ou privados, pois, como você sabe, sou um pesquisador-de-carteirinha. Pretendo contribuir com organizações comunitárias. Adoro gente, principalmente gente organizada. Outra área que me fascina é a de Gestão e Planejamento Ambiental.

– Você já está me convencendo, Lino Mendes, parece uma profissão radical. Mas acha que vai ganhar dinheiro?

– Ninguém deve buscar uma profissão apenas pensando em dinheiro; é preciso gostar, sentir-se realizado e feliz com o que se faz – argumentou o futuro engenheiro.

– Lino, eu gosto da vida no campo e fico pensando no que poderia fazer para continuar lá. Acho meu pai e os demais produtores de nossa região meio acomodados. Gostaria de ajudá-los, de fazer alguma coisa para melhorar as condições de vida da gente do meio rural.

– Você deve seguir de perto as atividades do seu pai na lavoura, e também participar das reuniões dos Conselhos de Desenvolvimento e Associações. Também deve avaliar as necessidades e as possibilidades de cada um, analisar as potencialidades da região, procurando novas alternativas. Isso não significa descartar as atividades desenvolvidas atualmente, já que hortaliças têm sempre mercado certo. Quem sabe poderão incrementá-las ou desenvolver outras paralelamente?! Lembre-se que o Cerrado é uma caixa de surpresas. Sabia que ele abriga umas 120 espécies nativas, com potencial econômico?

– Que paixão você tem pelo Cerrado, heim, primo!



Lino não respondeu. Com a filmadora em punho, registrou alguns aspectos do solo e da vegetação daquela fazenda. Uma parte da propriedade era tomada por canteiros, com hortaliças. Muitas árvores frutíferas. Criavam-se ali porcos, galinhas, algumas vacas leiteiras. Ali se tinha um exemplo das inúmeras potencialidades do Cerrado e de sua exploração em harmonia com o meio ambiente.

– O Cerrado é a segunda área com maior biodiversidade do planeta. É uma pena que haja descampados como aquele ali no morro, está vendo, Rique?

– Aquela área pode ser aproveitada para cultivo?

– Pode sim, desde que sejam adotadas medidas adequadas. Mas tive outra idéia. Vamos voltar ao restaurante, pois quero conversar com dona Mirta.

Henrique aceitou de pronto; seu estômago já dava sinais de fome.

Voltaram em silêncio. Lino, ruminando suas idéias, Henrique, desvendando os próprios mistérios, vendo-se, de repente, empolgado com a descoberta de seu interesse pelas questões do campo, do ambiente.

Estavam tão absortos nos próprios pensamentos que não perceberam as presenças de Estela e Fabiana que, aproveitando a distração dos dois “pensadores”, saltaram diante deles, imitando gorilas enfurecidos, tentando, assim, assustá-los.

- Vocês querem matar a gente? – disse Henrique, ofegante.
- Quem não tem o que fazer inventa bobagens! – comentou Fabiana.
- Façam pose que esta macaquice vai ser registrada – disse Lino, ligando a filmadora.

Depois de muitas caretas e gargalhadas, rumaram para a cozinha de dona Mirta.

No restaurante, Lino agradeceu à proprietária por sua boa vontade em fornecer informações sobre a região. Elogiou o trabalho realizado na fazenda e aproveitou para dar seus “pitacos”.

– Sabe aquela área descampada, lá no morro? Por que não reflorestá-la, antes que a erosão comece a tomar conta?

– Isso já está sendo providenciado. Afonso queria plantar café ali, mas decidimos cultivar eucaliptos ou pinheiros, árvores que produzam madeira para uso na fazenda.

– É, reflorestamento econômico, com eucalipto, naquela área é muito apropriado, pois não há nascentes próximas e o tipo de solo é adequado. Mas lembre-se: o reflorestamento com eucalipto e pinheiro é indicado para áreas declivosas, mas não acima de 45 graus, e no topo, onde devem ser mantidas, sem corte, as espécies nativas e permanentes. Daqui a algum tempo, com a autorização do Instituto Estadual de Florestas, terão madeira para a fazenda, para vender ou usar como lenha no fogão.

– É exatamente essa a nossa intenção, rapaz. Já temos a reserva legal e fazemos questão de manter o equilíbrio ecológico.

– Eu sei que a conversa está boa, mas acho que poderíamos almoçar – implorou Henrique, faminto.

– Isso mesmo, vamos saborear as delícias da dona Mirta – acrescentou Estela, puxando Fabiana pela mão.

Realmente a comida era deliciosa, principalmente a costelinha de porco com mandioca. A sobremesa, mamão em calda e doce de leite pastoso, completou a festa da moçada. Por fim, um cafezinho para ajudar na digestão, como sugeriu dona Mirta.

Abasteceram o carro e, depois de agradecimentos recíprocos e promessas de retorno, pegaram a estrada com mais uma missão: entregar um bilhete de dona Mirta a seu irmão, seu Olavo, um carteiro muito conhecido em Faveiras, povoado situado ao pé da Serra dos Macacos.

– Gente, esse seu Olavo deve saber do nosso tio Alberto. Carteiro é sempre bem informado.

– Mas esse povoado fica em nosso caminho?

Estela informou que era um dos primeiros entre os muitos existentes naquela região.

Viagem e viagens

A viagem transcorria tranqüilamente. Henrique e Fabiana até cochilaram. Só acordaram quando pegaram uma pequena estrada encascalhada. Seriam uns 100 quilômetros até o pé da Serra dos Macacos.

Estela se ofereceu para substituir Lino na direção, alegando conhecer bem a área. Dali para frente, a estrada era cheia de encruzilhadas por causa das muitas fazendas e reservas naturais existentes na região. Ela nascera e crescera na serra. Já percorrera muitos quilômetros para ir à faculdade, à escola onde dava aulas e a passeios.

Lino concordou, aliviado. Agora, sim, poderia dedicar-se à apreciação da paisagem. Sob seu olhar atento, desfilavam lavouras, pastagens, áreas queimadas, devastadas, erodidas, aves multicolores, frutos e flores de todas as formas e cores e árvores de troncos retorcidos. Aquelas árvores, desde os tempos de menino, alimentavam sua imaginação, levando-o a tecer comparações inusitadas: aquela lembra um biscoito cascudo de tão fissurada que é sua casca, a outra, uma cobra com dor de barriga, e aquela mais adiante, cornos de um cervo... riu de si mesmo.

Lembrou-se, então, do primeiro seminário realizado após seu ingresso na faculdade. Como ficara feliz de saber que havia um projeto presidencial, de criação do Dia do Cerrado, a ser fixado em 11 de setembro, em homenagem ao aniversário de nascimento de Ary José de Oliveira, um grande defensor dos direitos humanos e do meio ambiente. Isso certamente serviria, no mínimo, para incentivar ações educativas de conservação, recuperação e pesquisas de reconhecimento da biodiversidade desse bioma, por parte de escolas, empresas privadas e públicas. Já não era sem tempo. O Cerrado vinha, havia muito, aplacando a fome e alimentando a esperança de melhoria de vida de muitos que lutam bravamente pela sobrevivência e pela permanência no campo.

Soube também que a exploração do Cerrado criara e agravava muitos problemas ambientais e sociais: a expulsão de muitos agricultores familiares que, por não conseguirem modernizar suas lavouras, eram obrigados a vender suas terras para grandes agricultores; a queda de oferta de emprego no campo por causa da mecanização; o extrativismo intensivo, visando apenas ao lucro, e outros.

Para a manutenção de seus recursos naturais, seria preciso um amplo planejamento que envolvesse todos os aspectos do conhecimento e que permitisse, especialmente, a exploração econômica por agricultores familiares e a sustentabilidade dos sistemas produtivos.

Enquanto dirigia, Estela ia apresentando diversas reservas naturais, fazendas e áreas de camping que margeavam a estrada. Descrevia as reservas que já havia visitado.



– Estão vendo aquela trilha? Ela dá acesso a uma reserva particular, criada pelo Ibama, que, além de se destinar à preservação da paisagem, da flora e da fauna e à moradia dos proprietários, é utilizada para atividades de ecoturismo e educação ambiental.

– Que atividades de lazer podem ser realizadas ali? – perguntou Fabiana.

– Vão desde caminhadas a esportes radicais, como rapel.

– Na área em que vamos acampar, também podem ser desenvolvidas atividades assim. Estou louco para chegar lá. É muita adrenalina – disse Henrique, com sua habitual ansiedade.

– Vocês já sabem que nessas reservas é proibido colher plantas, flores, capturar e molestar animais?

– Claro, já debatemos esse assunto na minha escola. Sabemos também que há regulamentos rigorosos quanto à visitação desses locais.

A Escola Municipal Comunidade em Ação, situada no distrito de Campo Florido, por estar inserida no meio rural, fazia constar, de seu projeto político-pedagógico, questões de cunho ambiental, pois tinha como meta adequar e contextualizar conteúdos e metodologias.

Com macaco ou sem macaco?

De repente o carro começou a dançar na estrada. Lino, despertando de seu devaneio, recomendou a Estela que parasse para verificarem o que estava acontecendo. Constataram o problema:

– Ih! Pneu furado! – concluíram quase em coro.

– O jeito é trocá-lo! – disse Henrique, meio desanimado.

– Para fazer isso, infelizmente, temos que tirar toda a bagagem do porta-malas, pois o macaco deve estar bem no fundo – falou Lino, desolado.

Após aquela trabalhadeira toda – descer malas, caixas e sacolas –, uma pergunta inesperada:

– Tem certeza de que tem macaco neste carro?

– Rique, se o macaco não estiver aí, é porque fugiu – brincou Lino.

A piada do rapaz era para disfarçar sua súbita preocupação. O carro havia sido um presente de seus pais pelos 19 anos que completara e, segundo sua mãe, dona Margarida, como prêmio por sua dedicação aos estudos e à natureza. “É um menino empreendedor”, dizia.

Mas Lino, desde que pegara aquele carro, jamais havia se preocupado com macaco, ferramentas ou outros equipamentos.

– Gente, acho que não há macaco. Como pude me esquecer de verificar isso?!

– Não temos como trocar o pneu?! – indagou Fabiana, assustada.

Estela tentou tranquilizar o pessoal, dizendo que, embora não fosse uma estrada asfaltada, não era deserta, e logo deveria passar algum carro. Aí, pediriam ajuda, trocariam o pneu e prosseguiriam viagem.

– Já vi que estamos num mato sem cachorro – comentou Lino.

– Sem cachorro e sem macaco – complementou Henrique, sempre com suas gracinhas.

O jeito era improvisar. Com pedras e paus tentaram, em vão, erguer o carro. Ficaram nessa labuta por mais de meia hora, até que Henrique gritou:

– Gente, vem vindo um carro, levantando uma poeira danada!

– Até que enfim – emendou Lino, já preocupado com o tempão perdido ali.

O veículo se aproximava lentamente. Era um velho e pequeno caminhão, próprio para transporte de porcos. Dele saltou um sorridente senhor, aparentando uns 65 anos, que foi logo perguntando:

– O que houve aqui? Precisam de ajuda?

– Estamos com um pneu furado e sem macaco – esclareceu Henrique.

– Vamos ver o que posso fazer... Macacos é o que não falta por essas bandas. Já tentaram chamar algum? – brincou o simpático senhor que, em seguida, foi se apresentando enquanto pegava o macaco de seu caminhão:

– Meu nome é Simão. Moro numa pequena fazenda, a uns 2 quilômetros daqui – disse o simpático senhor, já pegando o macaco de seu caminhão.



Com ele, Henrique começou a levantar o carro, retirando o pneu furado para substituí-lo pelo estepe. Foi nesse exato momento que, por pouco, o rapaz não soltou um palavrão:

– Puxa! Que azar! O pneu de estepe também está vazio. E agora?

– Não é possível! – exclamou Fabiana – como você anda em um carro sem verificar se tem macaco e o estado do pneu reserva?

Lino bem que tentou justificar, dizendo que calibrava só os pneus que estavam rodando e que, para tudo, há um jeito. Seu Simão, com ares de quem encontrara a saída, disse que, em sua casa, tinha uma pequena oficina para a manutenção dos carros e tratores. O jeito era levar os pneus até lá e fazer o reparo.

– Pelo menos, pneus a gente conserta! – falou seu Simão, tentando tranquilizar os tripulantes de primeira viagem.

– Tudo bem... Vamos ter que esperar mais um pouco – disse Henrique, resignado.

Lino, para compensar o seu descuido, ofereceu-se para ir até a fazenda de seu Simão. Logo estaria de volta, com o pneu cheio e o outro colado, e assim poderiam seguir viagem.

Antes de o caminhão se pôr em movimento, Henrique brincou:

– Seu Simão, avise logo ao Lino para encher apenas o pneu, e não a sua paciência com as histórias dele.

– Que nada, adoro uma boa conversa – respondeu seu Simão, já manobrando o veículo.

Lino ia pensando em uma forma de retribuir a atenção que estava recebendo. Imaginava a propriedade de seu Simão repleta de problemas ambientais. Seria a sua chance de usar tudo que já havia aprendido em seu curso. Mas quando chegaram...

– Que beleza de lugar, seu Simão!

– Nasci aqui. Esta fazenda é minha vida. É daqui que eu, meus três filhos e suas famílias tiramos o sustento – concluiu seu Simão, apontando para as duas casas próximas à sede.

– Este lugar é maravilhoso! Que vista! – dizia um Lino extasiado.

Seu Simão contou que, na casa principal, moravam ele e o filho Miguel, além da Violeta. Na casa à esquerda, moravam a filha Eugênia, o marido e dois filhos. O filho Benvindo, seus três filhos e a mulher moravam na outra casa.

Logo se viram cercados por crianças. Orgulhosamente seu Simão fez questão de apresentá-las a Lino.

– Meus netos. Estas terras são deles. Eu e seus pais só as usamos, emprestadas. Cuidamos bem daqui, pois é nosso santuário.

Lino se sentiu em casa.

– Posso dar uma andada por aí, seu Simão?

– Claro, Lino. Venha primeiro conhecer minha família.

Foram visitar cada uma das casas. Lino era apresentado por seu Simão como se fosse um amigo. Depois, foram andar pela propriedade. Cada um dos filhos de seu Simão desenvolvia uma atividade ali: Miguel era o responsável pelos suínos, que davam bons lucros, enquanto Eugênia e o marido criavam algumas cabeças de gado leiteiro e de corte, comercializavam leite e manteiga, além de tocar uma bela horta.

– Meu filho Benvindo toca a parte de grãos, cultiva café como fonte de renda, e arroz, feijão e milho para nosso consumo. Sabe, Lino, não tenho do que me queixar. Minha família é unida e trabalhadora. Sou um velho feliz.

– Seu Simão, qual é sua ocupação nesta fazenda? O senhor não vive de brisa, não é mesmo?

– Claro. O trabalho para mim é tudo. Na verdade, procuro ajudar meus três filhos. Se num dia transporto porcos para a revenda, no outro ajudo na lavoura de café, no manejo das criações ou levando hortaliças para vender na cidade.

Diante do que via, Lino teve a certeza de como era rica e variada a realidade rural brasileira. Mais encantado ficou depois de conhecer boa parte da propriedade, ao ver como tudo ali era extremamente prático, articulado e bem cuidado. Como dizia seu Simão, ali nada era desperdiçado.

– E vejo que vocês também têm um cuidado especial com a natureza.

– Lino, minha filha Eugênia, a mais velha, que é muito bem informada e interessada, participa de tudo quanto é reunião e capacitação promovidas por diversas Associações e Conselhos, e além disso está sempre consultando técnicos da extensão rural e do Ibama. Aqui nada é feito sem a aprovação dela. Nosso maior xodó é a mata nativa, que temos em grande quantidade por aqui – disse orgulhoso.

– Pena eu não ter trazido minha câmera para filmar tudo isso. Um dia, quem sabe... Mas, agora, tenho que ir. O pessoal já deve estar preocupado com minha demora. E ainda temos um bom trecho de viagem pela frente.

Agora, era seu Simão quem fazia questão de que ele esperasse mais um pouco, para poder levar pães de queijo para o pessoal. Com sua tranquilidade, o velho homem ainda pediu que Lino esperasse Miguel terminar um serviço no criatório dos porcos para, então, dar-lhe uma carona. Após meia hora, o aviso de Miguel:

– Pronto, Lino, já podemos ir!

– Vamos logo, então! O pessoal deve estar mais do que preocupado.

– Ora, se vocês estão em férias, o melhor é aproveitar. Quando tiro uns dias de folga, vou pescar, sem pressa e sem relógio – disse Miguel, rindo.

Atrasos que adiantam

Lino não escondia sua inquietação. Vendo a tarde chegar ao fim, percebeu que tinha gastado tempo demais com aquela missão.

Queria logo encontrar a turma. Miguel, dirigindo sem pressa, ia se gabando do seu trabalho e da família. Falou da mãe, falecida havia menos de 2 anos.

– Pois é, minha mãe morreu sem ter realizado seu grande sonho: o de me ver casado. Mas sou o caçula dos três, ainda tenho tempo.

– Claro, Miguel! Quando menos esperar, aparecerá a pessoa certa.

Ao chegarem, como era de se supor, encontraram os amigos preocupados, nervosos. Henrique era o mais irritado.

– Olha só, estamos aqui esperando há mais de duas horas. Aconteceu alguma nova catástrofe, Lino?

– Não, é que...

Miguel, cortando a explicação de Lino, depois de se apresentar, disse que tinha uma parcela de culpa naquele atraso, pois tivera que terminar uma tarefa na fazenda. Além disso, seu pai fizera questão de acompanhar Lino numas andanças pela propriedade. Por fim, em tom conciliatório, anunciou que, para compensar aquela espera, tinha trazido uma encomenda do pai. Ato imediato, passou para Estela uma cesta de vime repleta de pães de queijo, ainda quentinhos. Depois, com sua maneira simples de falar, ponderou que não precisavam seguir viagem naquele dia.

– Meu pai vai ficar muito honrado se aceitarem pernoitar lá em casa. Aí, amanhã, cedinho, com segurança e descansados, vocês seguirão viagem. Não é bom pegar essas estradas à noite.

– Eu, que conheço a região, acho a sugestão ótima. Mas a decisão é de vocês. Sou apenas uma carona – concluiu Estela, sorrindo.

Henrique ainda quis saber se não havia uma cidade ou algum vilarejo mais à frente. Fabiana reclamou que não gostaria de viajar à noite. Enquanto trocavam idéias, os pneus foram devolvidos a seus lugares, devidamente calibrados. Lino, tentando sair logo dali, propôs:

– Vamos até a fazenda do seu Simão e lá decidimos. Se não ficarmos para dormir, vai valer a visita. Vocês vão ver que beleza de propriedade! Que tal?!

Sem esperar pela resposta, entrou no carro e ligou o motor. Aguardou Miguel manobrar seu veículo e o seguiu. Nenhum dos três aventurou-se a contradizê-lo. Em silêncio chegaram à fazenda. Seu Simão os aguardava, sorridente.

– Já vi que tomaram a melhor decisão. Passem a noite aqui conosco. Não terão luxo, mas temos acomodação para todos.

– Eu não vejo a hora de tomar um bom banho – disse Fabiana.

Miguel, para animar a todos, avisou que o jantar estava sendo preparado e que dona Leta caprichava no franguinho caipira. Esta última informação causou efeito imediato sobre Henrique, que foi logo tirar sua mochila do carro, decidido a pernoitar ali. Quando Estela foi pegar sua bagagem, Miguel prontificou-se a ajudá-la, todo gentil.

– Quer dizer que a senhora é professora?!

– Olha, Miguel, devo ser até mais nova do que você. Portanto, não sou nenhuma senhora, ainda. Sim, sou professora e adoro meu trabalho!

– Não tive a intenção de ofendê-la. Sei que sou mais velho. É nosso jeito de tratar as pessoas. E professor merece um tratamento especial.

Estela sorriu. Em seguida, contou que morava num sítio, na comunidade de Faveiras, por isso já se sentia em casa. Adorava morar no campo e não pretendia deixar o sítio de sua família por nada. Miguel, aproveitando a deixa, questionou:

– Por nada, mesmo?

– Bem, Miguel, a não ser que eu me case com alguém que more em outro lugar.

– Pois eu, se me casasse, gostaria de construir meu lar aqui, como meus irmãos fizeram.

Henrique, ouvindo aquilo, brincou:

– Ih, romance à vista!

Miguel corou-se com o comentário, enquanto Estela sorriu, sentindo uma sensação boa ao notar a inquietação que provocava no rapaz. Esse, meio sem jeito, pediu licença: precisava ver como estavam os porcos.

À mesa do jantar, Fabiana parabenizou seu Simão pelos cuidados que ele e a família dedicavam à casa. Lino aproveitou para elogiar o bom planejamento das atividades econômicas desenvolvidas naquela propriedade. Comentou também que, na visita que fizera, à tarde, tinha ficado bastante impressionado com o tratamento que dispensavam ao meio ambiente e à preservação das matas, do solo e das águas.

– Pelo visto, hoje à tarde, o Lino não se atrasou só por causa do pneu... Ele não ia resistir a fazer uma avaliação ecológica – disse Henrique, brincalhão.

O jantar transcorreu em meio a muita conversa, histórias e risos. Seu Simão contou passagens de sua vida, desde a época em que o pai comprara aquelas terras, que não passavam de um pedaço de chão com solos ácidos e pobres em nutrientes. Na época, eram considerados impróprios para a agricultura. “Eram terras baratas; mesmo assim, muita gente achou que meu pai tinha perdido o juízo...” No momento em que contava sobre as primeiras lutas da família para se chegar ao que atualmente era a fazenda, foi interrompido por dona Violeta, que anunciava um pudim de pão de sobremesa. Seu Simão aproveitou a “deixa” para valorizar e agradecer àquela mulher.

– Pessoal, esta aqui é dona Violeta, nossa querida Leta . Ela trabalha com a gente desde que a Eugênia nasceu. Ajudou a cuidar de meus três filhos e, confesso, seria difícil viver sem a alegria, a dedicação e a sabedoria dela.

– Que nada, seu Simão... Vocês aqui são minha família – disse, risonha, a velha senhora, satisfeita com o prazer com que as visitas devoravam seu famoso pudim.



Um luar, uma viola

Depois do jantar, todos se ajeitaram no varandão da casa. Um luar prateado iluminava a noite fria. Seu Simão, depois de contar mais alguns causos, entre os quais o de um feroz lobo, que atormentara a todos durante muito tempo, e sempre conseguia fugir dos caçadores, pediu que Miguel pegasse a viola.

– Que é isso, pai! Toco muito mal e canto pior ainda.

– Ora, Miguel! Você não vai negar isso a nós, vai?

Diante daquele desafiador pedido de Estela, Miguel sumiu no interior da casa e voltou, minutos depois, com a viola pendurada no pescoço. Benvindo apareceu com um violão e os dois começaram a cantar belas músicas tradicionais sertanejas. A surpresa ficou por conta de Estela que, aos poucos, foi se juntando à dupla, dando um toque especial com sua afinada voz feminina.

– Olha, vocês três estão se apresentando melhor do que muitos cantores na televisão – disse, animadamente, Fabiana.

– Continuem cantando que vou ter que filmar esta apresentação – avisou Lino, entusiasmado.

A animação da cantoria estimulou Eugênia a tocar um rústico pandeiro, e até seu Simão, cedendo às pressões de todos, pegou seu acordeão. Todos cantavam animados, quando Henrique deu um grito:

– Meu Deus!

– O que foi Henrique, viu algum fantasma? – quis saber Lino.

– Não. Lembrei-me agora que prometi ligar para casa.

Miguel, gentilmente, disse que ele não precisaria usar o telefone celular. Tinham telefone ali. Que não se acanhassem em fazer uso dele. Fabiana aceitou o oferecimento e contou aos pais as aventuras e os contratempos daquele dia. Falaram de seu Simão e da hospitalidade daquela família, das belezas da fazenda e da cantoria sob o luar. Ela e o irmão despediram-se dos pais, sentindo uma pontinha de saudade.

Estreitavam laços, falando do cotidiano, de suas famílias e, claro, das festas que freqüentavam.

Estela e Miguel, incentivados pelas músicas românticas, trocaram olhares, endereços e números de telefones. Estavam tão extasiados que sequer percebiam as brincadeiras de Henrique sobre o “namoro à vista”.

Foram tarde para a cama. Apesar da noite agradabilíssima que tiveram, lembraram-se, quase ao mesmo tempo, do tio Alberto, que ficara esquecido no meio de tanta agitação daquele dia. Sentiram uma certa angústia, que despertava ainda mais a vontade de chegar a Cedro, a cidadezinha ao pé da Serra dos Macacos, onde esperavam conseguir mais pistas sobre seu paradeiro. Queriam conhecer sua história.

Na manhã seguinte, acordaram com os galos cantando e com o mugir do gado. O café, servido na própria cozinha, era complementado pelos quitutes costumeiros de uma típica casa de fazenda. Lino quase não comia, ocupado em filmar imagens de dona Leta avivando o fogo sob as panelas.



– Hora de ir, infelizmente!

– É mesmo, Lino... É tão gostoso aqui que dá uma pena deixar esta casa, este pessoal tão amigo – manifestou Estela.

Depois de ajeitarem a bagagem no carro, vieram as despedidas. Todos, adultos e crianças, cercaram o veículo dos quatro jovens, como se despedissem de parentes queridos ou velhos amigos. Fabiana não escondia a emoção daquela demonstração de carinho. Muitos abraços e agradecimentos. No entanto, o mais demorado foi o de Estela e Miguel.

– Não se esqueça de sua promessa, tá?

– Vou escrever para você, sim, Miguel, pode esperar!

– E anotou o número do telefone daqui também, não é?

Lino buzinou, apressando Estela. Seu Simão repetiu o convite em voz firme, quando o carro se afastava:

– Esperamos por vocês, na volta. Vamos fazer uma seresta daquelas!

Miguel, acompanhando com os olhos a moça afastar-se, pensava, faceiro: “É, mãe, acho que encontrei minha cara-metade!”

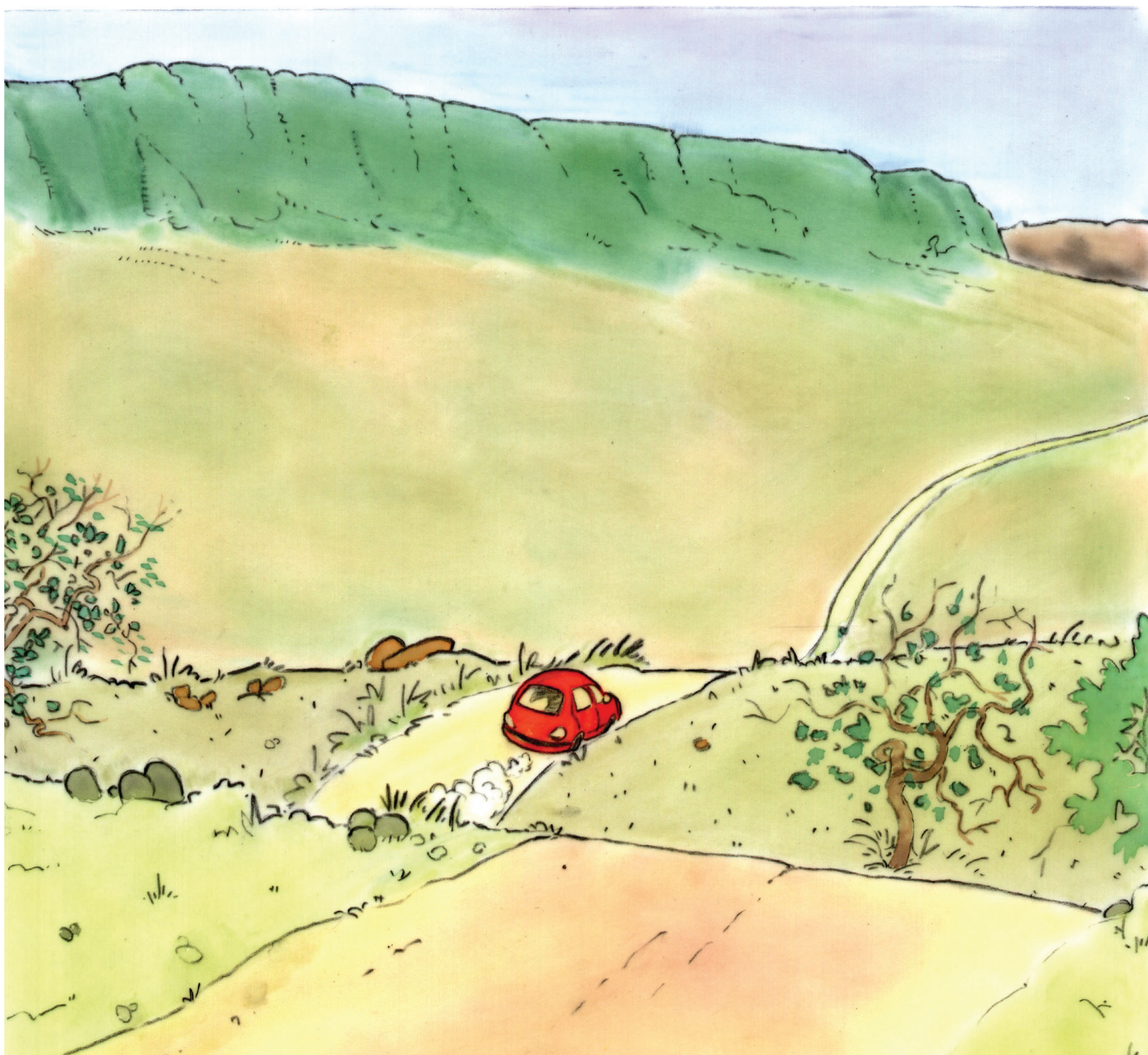
– Filho, que tal começar a construir sua casa?!

Abraçados, pai e filho seguiram em direção à granja, enquanto o carro sumia por entre morros cobertos por vegetação rasteira.

Um cheiro de mistério no ar

Depois de uma hora na condução do veículo, Lino pediu que Estela tomasse a direção. Na verdade, queria estar com as mãos livres para filmar algumas paisagens, mesmo de dentro do carro. Alguns quilômetros à frente, o aviso de Estela deixou Henrique, Lino e Fabiana eufóricos:

– Estão vendo aquelas elevações bem lá na frente? Pois aquela é a Serra dos Macacos. Daqui a uns 15 minutos chegaremos a Faveiras.



– Será que vamos encontrar logo esse carteiro chamado Olavo?

– Henrique, vai ser engraçado avisar que temos uma carta para um carteiro – disse, rindo, Fabiana.

Faveiras era um modesto vilarejo. Poucas ruas, menos de mil habitantes, algumas casas de comércio, igrejas e uma escola. Nem precisaram perguntar onde o carteiro morava, pois avistaram um senhor, devidamente uniformizado, entregando cartas em uma das ruas.

– Moço, o senhor é o carteiro Olavo? – perguntou Fabiana, colocando o rosto para fora da janela do carro, provocando risos gerais.

– Sou, sim, dona. Por quê?

– Explica agora, “dona” Fabiana – provocou Henrique, divertindo-se com aquela situação.

Tão logo a moça se referiu a dona Mirta, o carteiro aproximou-se rapidamente do veículo, querendo saber notícias, pegando o bilhete e lendo. Estacionaram o carro sob uma árvore e foram falar com ele. Explicaram, por alto, que procuravam por um parente de quem não sabiam notícias havia tempos, o tio Alberto.

– Alberto? Nunca soube de ninguém com esse nome por aqui. E olhem que entrego cartas não só aqui em Faveiras, mas também em muitas outras comunidades rurais e propriedades desta região.

Aquela informação provocou, de imediato, um profundo desencanto nos primos e em Estela, que tentou animá-los.

– Gente, a região da Serra dos Macacos é imensa. Esperem até chegarmos a Cedro, do outro lado da encosta. Lá poderemos ter sucesso.

– Desse Alberto, eu não sei... Mas, se quiserem alguma indicação de restaurante ou hospedaria, posso ajudá-los.

Lino agradeceu o oferecimento de Olavo. Avisou que iam prosseguir viagem e que, pelo caminho, continuariam perguntando. Alguém haveria de saber do paradeiro de um senhor, de uns 50 anos, chamado Alberto. Henrique, meio temeroso, ainda insistiu com o carteiro:

– Se não conhece, hoje, nenhum Alberto, por acaso não se lembra de ter conhecido alguém que tenha morado por aqui, com esse nome? Alguém que já tenha morrido?

– Não. Nunca conheci nenhum Alberto por aqui.

Agradeceram a Olavo e se foram. Estela dirigia lentamente, parando aqui e ali, na escola, no posto de saúde, na igreja. Em nenhum desses lugares obtiveram pista. Deixaram então Faveiras para trás e começaram a subir a serra. Lino pedia, repetidamente, que Estela parasse o carro para ele filmar. Fabiana e Henrique, por sua vez, assim que avistavam alguma casa solitária ou comunidade, pediam para descer, repetindo a já cansativa pergunta. Mas ninguém dava pista do tio Alberto.

– Olhem, aquela é a pequena Cedro – apresentou a guia.

Um silêncio pesado se fez presente. Podia-se sentir a ansiedade que exalava, principalmente de Henrique. Será que encontraremos nosso tio? Era a pergunta que cada um fazia a si mesmo. Parecia que sobre aquela cidadezinha pairava um ar de mistério.

A pequena Cedro, incrustada na Serra dos Macacos, era limpa, arborizada e cheirava a hospitalidade. À medida que avançavam pelas ruas, iam-se apresentando casarões e igrejas que preservavam sua arquitetura do período colonial. A praça central ostentava uma fonte que, incansavelmente, movimentava um pequeno lago.

Homens e mulheres teciam e mantinham tradições e histórias daquele lugar, por mãos habilidosas e sensíveis, que criavam tapetes e bordados, doces dos mais variados frutos e ornamentos que davam vida à feira livre, compondo o cenário da praça. Tudo isso enchia os olhos dos passantes e aguçava a cobiça por aqueles adornos e delícias, para poder presentear a quem não desfrutava de tamanha maravilha.

Parando aqui e ali, iam percorrendo lugares que os inundavam de encantamento. Em alguns momentos, a decepção pela resposta sempre negativa: “Não, não conheço nenhum senhor Alberto”. Por fim, o desânimo começou a tomar conta dos três. Estela, novamente, tentou animá-los:

– Gente, calma! Vamos colocar as idéias em ordem. Ainda há muitos lugares a percorrer. Podemos, por exemplo, ir ao Centro de Apoio ao Turista. Ademais, se não encontrarmos o tio Alberto, vocês não perderão, de todo, a viagem. Há ainda lugares maravilhosos: cachoeiras, grutas, lagoas, enfim, muitas opções de lazer. Há um restaurante logo depois daquela igreja. Vamos almoçar e aproveitar para descansar e, quem sabe, descobrir alguma pista.

O restaurante, simples e aconchegante, oferecia aromas e sabores para os mais exigentes paladares. Nascida nos fogões à lenha das fazendas coloniais, a comida servida ali lembrava a Lino traços da cultura brasileira: a boa e velha feijoada com couve e laranja, aquecendo aquele mês de julho.

Depois do tradicional cafezinho, Lino se dirigiu ao proprietário, querendo saber mais sobre a região e, claro, sobre o tio Alberto.

Seu Nicanor, bom de prosa, percorreu sobre a Serra, a cidade, os costumes, mas nenhuma notícia do tio Alberto. Porém sugeriu ao grupo que passasse pela Pousada Recanto das Capivaras, de propriedade do tio Fred, um homem culto e grande conhecedor dos lugares, dos bichos, das plantas e das gentes.

Lino entusiasmou-se, contagiando a todos.

– Se for uma em que estou pensando, é um lugar realmente maravilhoso. Vocês devem conhecê-lo. Fica a uns 30 quilômetros do meu sítio – reforçou Estela.

– Estela, vem com a gente! Na volta deixaremos você em casa – disse Fabiana, quase implorando, sinceramente pesarosa de ter que se separar da amiga.

Estela argumentou que, infelizmente, não podia mais ficar com eles. Tinha de voltar para casa, de onde estava afastada fazia vários dias. Precisava ajeitar muita coisa no sítio porque, na semana seguinte, retomaria as aulas com seus alunos e voltaria à faculdade.

Mudanças de rumo

A viagem até o sítio de Estela não foi muito animada, pois todos já sentiam o gosto da despedida.

Seu Juventino, Nélio e Cristóvão, pai e irmãos de Estela, fizeram festa com sua chegada e de seus amigos. Como não poderia ser diferente, Lino estava ansioso para conhecer o sítio. Estela e o pai convidaram também Henrique e Fabiana, que aceitaram prontamente.

O orgulhoso senhor foi contando as mudanças que fizera ali. Começou falando e mostrando um de seus orgulhos: a criação de cabras. Criava também porcos e galinhas. Mas era com as cabras que conseguia maior renda para sustentar aquele sítio. Mostrou, depois, a plantação de milho, de hortaliças e o galinheiro bem cuidado.

– Antigamente havia muito lixo, muita sujeira, que favorecia a proliferação de insetos e vermes. Estrumes e dejetos ficavam expostos, correndo diretamente para o rio.

– Nossa! Mas aí fica difícil até de manter a saúde – comentou Fabiana.

– Foi graças à Estela – com leituras, conversas com professores, participação em cursos, promovidos por muitas instituições que se preocupam com a saúde do ambiente e das pessoas, em encontros da Associação de Mulheres de Aroeiras – que compreendemos a importância dos cuidados com a lavoura, com os criatórios, com as instalações...

Depois de toda aquela andança, um cafezinho caía bem. Durante o café, Estela ainda complementou as informações dadas pelo pai, contando que, em Faveiras e na circunvizinhança, estava sendo desenvolvido um projeto de desenvolvimento econômico e social de agricultores familiares. Falou de seus novos planos.

– Essa menina é sempre cheia de planos! Não sei por que é tão magrinha – disse Nélio, brincalhão.

– Planos que acabam provocando rebuliços na escola e nas comunidades – completou seu Juventino, orgulhoso.

– Eta família coruja! É por isso que eu a amo tanto!

Estela contou que nos dois dias de viagem, ao lado dos três primos, aprendera muito e, especialmente, conhecera a riqueza do Cerrado.

– Darei notícias a vocês – afirmou categoricamente Estela – sobre um projeto de reconhecimento do Cerrado que pretendo desenvolver na escola, no segundo semestre. Não vou dar detalhes, pois ainda está em fase de construção em minha cabeça, e deverá também contar com a contribuição dos outros educadores e da comunidade. Mas aguardem, que farei um registro minucioso. Quem sabe, Lino, isso poderá ajudar em seu trabalho na faculdade?!

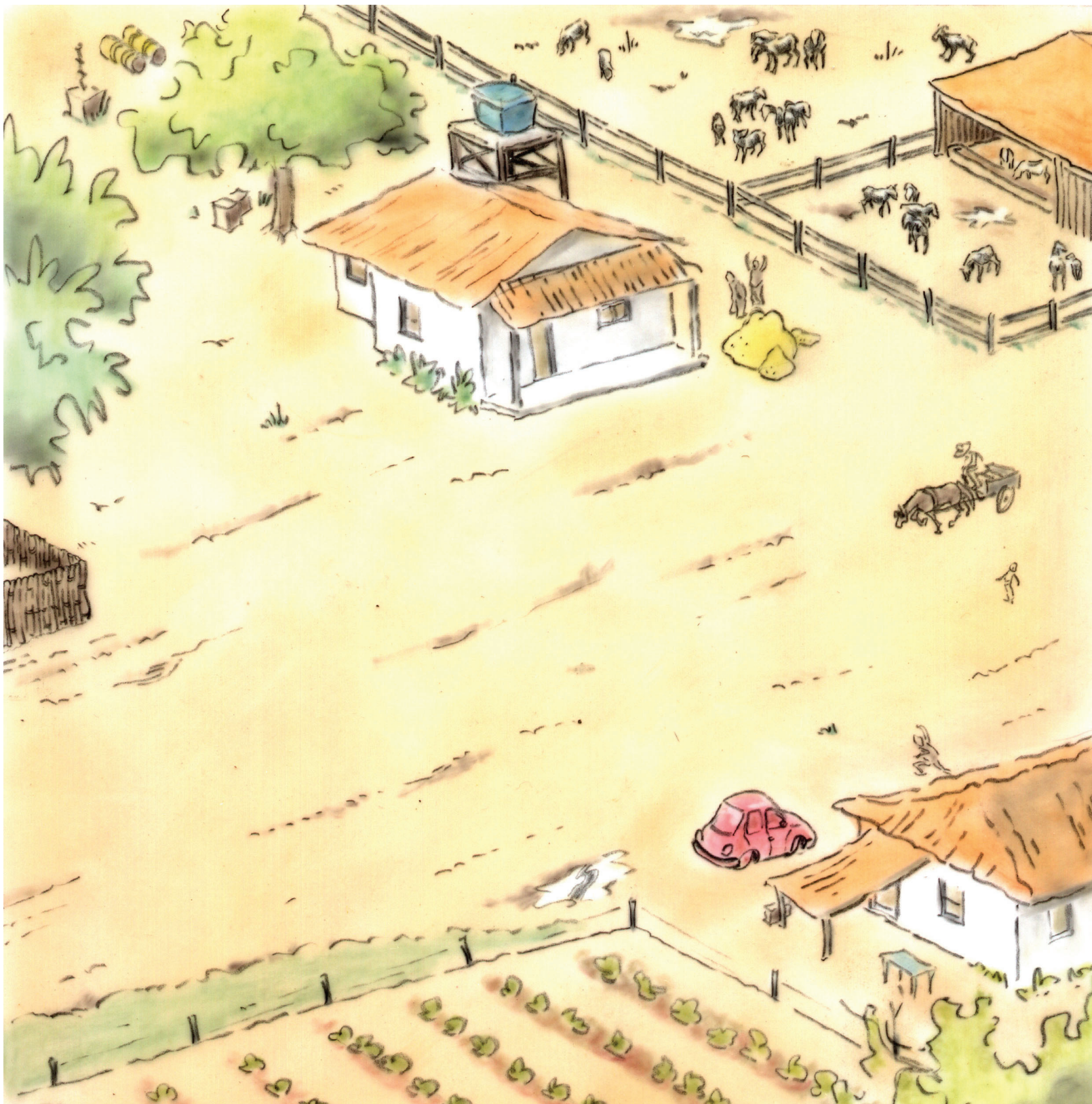
– Não tenho dúvida! – disse Lino entusiasmado – vamos trocar “figurinhas”. Pelo que conheço de você e pelas coisas que ouvi de sua família, acredito que vai provocar mais uma revolução.

– Gente, vamos deixar a Estela com sua idéias e botar o pé na estrada?!

– Esse é o Henrique que conheço! – disse Lino, abraçando o primo.

As despedidas foram calorosas e emocionadas e um compromisso foi firmado: passar ali na volta para dar notícias sobre o restante da viagem e, logicamente, sobre o misterioso tio Alberto.

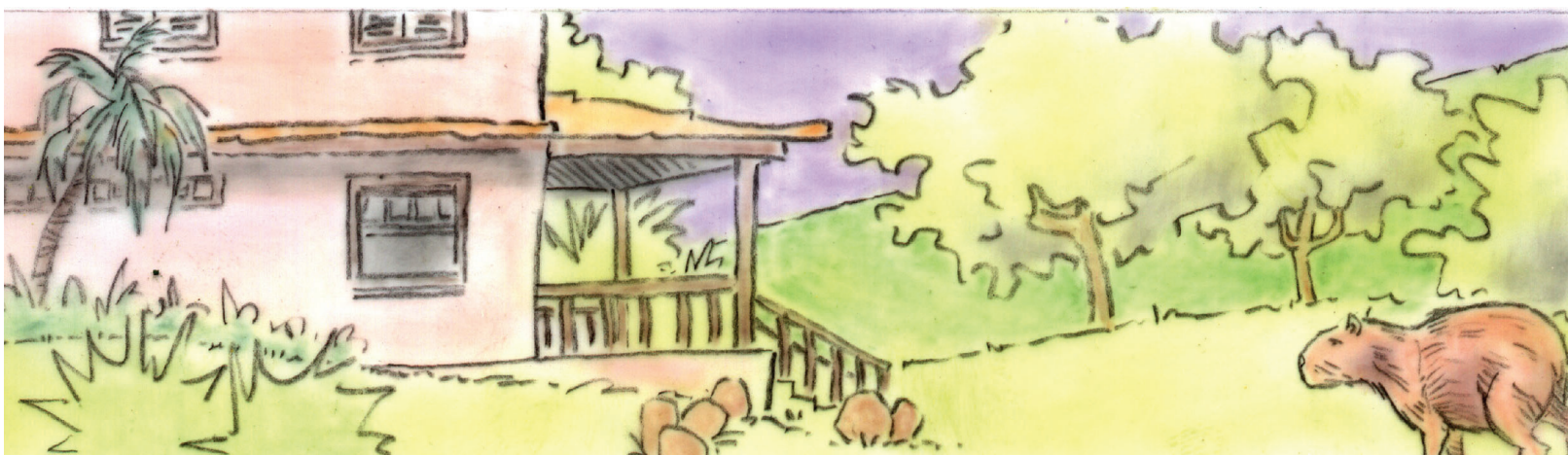
Mais uma partida...



Encontros e reencontros

Agora eram só os três primos no carro, uma estrada à frente, novas paisagens e expectativas. Meia hora depois, chegavam à pousada, onde foram recebidos por uma senhora simpática, de nome Valquíria.

– É a primeira vez que vêm ao Recanto das Capivaras?



– Sim, pretendemos passar esta noite e a manhã seguinte aqui. Estamos em férias e com destino ao Camping do Mirante.

– Essa área de camping fica a apenas 5 quilômetros daqui. Portanto, não precisam ter pressa, podem descansar e apreciar nossa bonita paisagem. Vou levá-los aos seus quartos. Durante o jantar vocês conhecerão o Fred, meu marido. Somos os proprietários desta pousada e fazemos questão de informar aos nossos hóspedes sobre a região e as várias possibilidades de lazer por aqui.

À noitinha, quando estavam no refeitório com os demais hóspedes, foram apresentados ao famoso tio Fred, que foi logo dizendo:

– Aqui os hóspedes são considerados amigos e parceiros na missão de preservar este paraíso.

Era realmente um paraíso! Um casarão de dois pavimentos, com capacidade para hospedar, confortavelmente, até trinta pessoas. Um pequeno museu e uma biblioteca, situados ao lado da entrada, contavam a história daquela fazenda, da fauna e da flora. A rusticidade da decoração contrastava com a modernidade da sala de projeção de filmes sobre a região. Os primos iam admirando cada canto daquele recanto.

– Nossa, como tudo aqui é bem cuidado e planejado em cada detalhe! – elogiou Fabiana.

– Amanhã vocês conhecerão o exterior: um pomar com frutas típicas do Cerrado; trilhas para caminhada, onde se podem avistar muitas capivaras, razão do nome da pousada;

inúmeras espécies de aves; e plantas ornamentais, principalmente bromélias e orquídeas, as meninas-dos-olhos de Valquíria; cavalos para passeios, nascentes e, é claro, as cachoeiras.

– Senhor Fred – interrompeu Lino – desde quando tem esta pousada?

– Bom, primeiro, não me chamem de senhor. Por estas bandas sou conhecido por tio Fred. Sou muito novo, rapaz, apenas 50 anos. Segundo, não foi fácil; cheguei aqui há uns 13 anos, sem saber exatamente o que fazer. Então soube desta fazenda, que estava abandonada. Procurei pelos herdeiros, que facilitaram a venda, e assim pude adquiri-la. Já são 12 anos de trabalho: restauração, reflorestamento com plantas nativas e muito cuidado com a harmonia do ambiente.

– Ah! disso eu entendo – disse Lino – sou estudante de Engenharia Ambiental e sei muito bem sobre processos de recuperação e preservação de biomas. Aliás, estou desenvolvendo um trabalho de pesquisa sobre os impactos ambientais da exploração econômica do Cerrado.

Fabiana pensava em outra coisa. Havia algumas coincidências: idade, tempo do sumiço, mas... e o nome?! Não, disse a si mesma, a fome e o cansaço faziam-na delirar. Sugeriu que se encaminhassem ao refeitório novamente, pois o prato escolhido – ensopado de peixe – já devia estar sendo servido.

Henrique, parecendo adivinhar os pensamentos da irmã, convidou tio Fred para acompanhá-los durante o jantar. Ansiava saber mais.

Enquanto comiam, Lino e Henrique inquiriam tio Fred. O primeiro, guiado por sua causa ambiental, ainda não havia percebido a causa do segundo: o mistério do tio banido.

Fabiana, atenta a tudo, resolveu atizar:

– Tio Fred, somos de Campo Florido, um povoado mais a leste. Nossos pais têm uma fazenda na região. O pai de Lino, Danilo Mendes, e o nosso, Pedro Mendes, são irmãos. Estamos viajando há dois dias – uma viagem cheia de aventuras e surpresas, é verdade, para realizar um grande sonho...

– Já sei, menina, vocês sonham em acampar, não é mesmo?! Pois bem, terminem logo o jantar e vão descansar. Assim, amanhã estarão mais dispostos. Também tenho o que fazer – interrompeu, visivelmente perturbado, o tio Fred.

Terminando de dizer aquilo, de uma forma meio apressada, levantou-se rapidamente e se retirou a passos largos e pesados.

Os primos se entreolharam. Lino então se deu conta do que estava acontecendo. Disseram juntos o que, ao mesmo tempo, era pergunta e resposta:

– É ele?!

Esqueceram-se da sobremesa e subiram, os três, para o quarto dos rapazes. Euforia e dúvida se misturavam às lembranças que traziam à tona. Falaram, riram, estabeleceram comparações, levantaram hipóteses: não de um, sim de outro... A conversa tornava-se cada vez mais acalorada.

Ninguém dormiu.

O admirável tio Alberto

O dia raiava quando os três jovens chegaram ao refeitório para o café. Tio Fred, da porta da cozinha, brincou:

– Os três mosqueteiros caíram da cama?

– É, tio... Fred, acho que encontramos o que queríamos.

A pausa proposital de Fabiana causou o efeito desejado. Tio Fred esboçou um sorriso maroto.

– Então, meninos do mais-a-leste, tomem café mais reforçado, pois este tio... tio Fred vai mostrar a vocês as maravilhas deste velho mais-a-oeste. Os cavalos estão a postos.

Lino, pela primeira vez, não levou sua filmadora. Pressentia que teria ainda mais uns dias para filmar a natureza e novos amigos.

Tio Fred os levou a outras pequenas pousadas, a sítios nos quais se praticava uma agricultura auto-sustentável, que garantia, ao agricultor e a sua família, a sobrevivência, em harmonia com a natureza. Em todos os lugares por que passavam, o mesmo tratamento carinhoso e de respeito era dispensado a tio Fred pelos habitantes. Henrique riu daquilo, comentando:

– Pelo visto, o senhor deveria mudar o nome de seu hotel-fazenda para Pousada do Tio Fred. É incrível, todos o chamam de tio por aqui!

– Não seria melhor Pousada do Tio Alberto? Tenho também um enorme prazer em chamá-lo tio – disse Fabiana, emocionada.

Tio Fred apeou do cavalo, caminhou em direção aos jovens, abriu os braços e disse:

– Por que não vêm, então, abraçar este velho forasteiro, Alberto Frederico Mendes?!

Aquela revelação provocou uma confusão de sentimentos e reações. Lino foi o primeiro a abraçar o tio. Um abraço que foi fortalecido por Henrique e Fabiana. Longo e emocionado...

Retornaram à pousada. Tio Alberto pediu que esperassem no quiosque. Em seguida, voltou abraçado a Valquíria. Sentados, todos ouviram, por quase uma hora, as razões do tio. Ficaram sabendo que a briga ocorrera quando o avô deles disse que deixaria, ainda em vida, a fazenda dele para ser dividida entre os três filhos.

– Eu não queria que a fazenda fosse dividida. Mas meus irmãos, os pais de vocês, muito jovens e inexperientes, disseram que pretendiam vender a propriedade e repartir o dinheiro. Daí a briga. Sempre fui meio turrão mesmo. Vim para cá e do resto vocês já sabem.



– Bem, tio, então o senhor precisa saber que a fazenda continua do mesmo jeito e com os mesmos donos. A gente cria animais, cultiva alguns grãos, mas o forte são as hortaliças, na verdade, os famosos pimentões de Campo Florido.

Lino complementou, informando que a propriedade continuava unida, mas uma terça parte dela não era cultivada, para abrigar a mata nativa.

– Ou seja, tio... Sua parte da fazenda continua como gostaria que estivesse, não?

– Vocês não imaginam quanta saudade tenho de meus irmãos, Danilo e Pedro.

– Sei que eles também devem morrer de saudades do senhor, apesar de nunca confessarem – disse Henrique.

– Bem, quem sabe, um dia...

Valquíria não chegou a concluir a frase. Olhou para o horizonte como se visse o futuro. Foi aí que Fabiana teve uma idéia tão boa que fez todos concordarem com ela.

Cerrando e tecendo

Os dias seguintes reservavam descobertas incríveis. O Camping do Mirante foi esquecido; afinal a mira dos primos era o tio.

Alberto, Valquíria, Lino, Henrique e Fabiana nunca haviam se divertido tanto. Contaram e recontaram histórias. Avistaram os limites e as possibilidades do lugar, das gentes, da família.

Lino registrava tudo: uma pedra, uma flor, uma ave, um tio e, quem diria, uma tia. Nenhum detalhe da região e da reunião escapava ao foco de sua câmera.

À noite, em volta da lareira, aqueciam-se com os casos, de família e de amores, e com deliciosos chocolates quentes, caprichosamente preparados por tia Val – apelido carinhoso que deram a ela.

– Tia Val – choramingou Fabiana –, aqui o tempo parece voar. Acho que vocês fazem algum truque para que os hóspedes voltem. Amanhã já temos que ir embora.

– É esse lugar lindo que hipnotiza a gente, Fabiana. Vocês têm que ir mesmo amanhã?

– Queremos passar em Aroeiras e contar nossa descoberta a Estela. Ela vai ficar muito feliz com o sucesso da investigação de que fez parte e, além disso, queremos cumprir nosso compromisso com o nosso velho amigo Simão. Ficamos de fazer uma seresta na sexta, amanhã, em sua casa – explicou Henrique.

– E ainda queremos dar uma forcinha ao namoro de Estela e Miguel. Vamos convencê-la a ir com a gente – arrematou Lino.

– Nossa, acabo de ter uma idéia: que tal irmos todos à fazenda de seu Simão?! – propôs Henrique, alvoroçado.

– Desta vez você se superou, Rique. A idéia é genial! E vocês podem trazer a Estela de volta.

– Fabiana, não há o que fazer, vocês já decidiram. Não é mesmo? Valquíria, vamos fazer as malas? – falou tio Alberto, aprovando a idéia.

A sexta-feira amanheceu mais linda do que nunca. Os jovens acordaram bem cedinho porque queriam aproveitar os últimos momentos naquele lugar. Logo depois do almoço partiriam para dar as boas-novas a Estela. E, no final da tarde, seguiriam para a fazenda de seu Simão.

Novos seresteiros iam cantar sob o luar.

Idéias para uma história

Chegaram no domingo, à tardinha. Os pais reunidos, esperavam na varanda. Alegres, os primos contavam quase tudo o que viram e sentiram.

Perguntas, respostas, risos, sustos, uma eufórica mistura de relatos, lembranças e presentinhos.

– Agora, a maior surpresa! – disse Lino, cumprindo sua parte no plano.

Pedi que fossem todos para a sala, pois queriam que assistissem a um filme especial. Fabiana e Henrique puxavam os pais pelas mãos.

Sentaram-se todos e Lino ligou o videocassete. A primeira imagem da pousada encantou os casais, seu Pedro e dona Dulce, seu Danilo e dona Margarida. “Que beleza de lugar!”, diziam. E a fita ia mostrando o interior e o exterior daquele hotel-fazenda: a exuberante flora e animais diversos, as cachoeiras, as trilhas, os cavalos e, finalmente, montado em um deles, um senhor de uns 50 anos, sorridente e fazendo pose de caubói.

Pedro e Danilo aproximaram-se da tela da televisão como que procurando certificar-se do que lhes povoava as lembranças. Ninguém ousava dizer uma palavra. E mais imagens foram sendo mostradas: uma senhora, os garotos cavalgando e sempre aquele senhor por perto. Por fim, um depoimento dele:

“Queridos irmãos, que saudades sinto de vocês!...” A voz embargada de tio Alberto foi enchendo a sala. Dizia o quanto gostaria de rever a todos. “A maturidade traz muitos ensinamentos. Aprendi que plantas vigorosas, independentemente da idade e do tamanho, fornecem material de qualidade para sua propagação. O contato com seus meninos – Lino, Henrique e Fabiana – comprovou isso. Somente pessoas tão íntegras e sensíveis poderiam ter filhos como eles. As sementes são de primeira.”

Inicialmente, seu Pedro e seu Danilo ficaram relutantes, mas, com o passar do tempo – dizem que o tempo é o melhor conselheiro – e com as palavras instigantes de dona Dulce, dona Margarida e dos filhos, foi crescendo entre eles o desejo de reatar os laços com o irmão Alberto, laços outrora tão estreitos.

Os três primos planejaram tudo. Seria um Natal e tanto!

No início de dezembro, receberam a confirmação: tio Alberto e tia Valquíria estariam em Campo Florido na véspera do Natal.

Duas semanas depois, uma carta de Estela:

Aroeiras, 2 de dezembro de 2003.

Amigos Fabiana e Henrique,

Que felicidade saber do reencontro da família de vocês. Todos os dias reafirmo que tenho muita sorte em tê-los conhecido - "meninos de ouro", diria minha mãe - e corajosos, acrescento eu. São como as árvores do Cerrado: rebrotam após a queimada e produzem flores ímpares.

Enviei a Lino o registro escrito e fotográfico do trabalho realizado na escola e na comunidade, sobre o Cerrado.

Foi um sucesso: pesquisas; estudo do meio; palestra; organização de coleções; indicação de nomes popular e científico da fauna e da flora; uso, consumo e comercialização de produtos típicos e adaptados; exploração, degradação, recuperação e conservação. É muita coisa! Não descreverei tudo pois vocês poderão ler os relatórios com o Lino.

Agora vem o melhor: ao fazer contato com a Embrapa Cerrados, obtive todo o apoio necessário, e mais, a empresa está promovendo o "Concurso de Desenho Fauna e Flora do Cerrado" e o "Concurso de Redação Fauna e Flora do Cerrado", para alunos do 1º e do 2º ciclos do Ensino Fundamental, respectivamente, da Região da Serra dos Macacos. Os desenhos e as redações premiados farão parte de um livro a ser editado pela empresa, e seus autores participarão da "Oficina Fauna e Flora do Cerrado".

Quando a gente quer, a gente faz, não é mesmo? Esse pode ser o nosso lema. Que tal?

Feliz Natal!

Beijos carinhosos,

Estela

P.S.: Minha família e a de Miguel passarão o Natal juntos (meu pai se encantou com ele). Já estamos falando em casamento, para daqui a um tempo, é claro. Vocês serão os convidados de honra.

O dia 25 de dezembro marca o nascimento de Cristo. Marcará também, a partir deste ano, o renascimento da união e da amizade na família Mendes.

Serras e cerrados encerram histórias que viram histórias... e fatos.

glossário

Agricultura auto-sustentável: atividade agrícola na qual se consegue conciliar, harmonicamente, os aspectos ambiental, econômico e social na exploração da terra.

Área de camping: área destinada a acampamento ao ar livre, com equipamento próprio, como barracas. O camping é uma atividade geralmente praticada em grupo, com finalidade turística ou esportiva.

Assoreamento dos rios: depósito de terra, areia, argila e outros detritos no fundo dos rios, trazidos pelas chuvas, em virtude, geralmente, do mau uso do solo, por desmatamento, monocultura, garimpo e outras atividades exploradas incorretamente.

Biodiversidade: conjunto de todas as espécies de seres vivos existentes em determinada região. A biodiversidade exerce um papel muito importante para assegurar uma agricultura auto-sustentável e, com ela, satisfazer a crescente demanda por alimentos por parte da população mundial. Estima-se que o Brasil tenha cerca de 2 milhões de espécies distintas de animais, vegetais e microorganismos.

Bioma: conjunto de ecossistemas que reúnem uma biodiversidade adaptada às condições ecológicas de uma certa região, geralmente caracterizada por um tipo de vegetação. Exemplo de biomas brasileiros: Cerrado, Mata Atlântica, Amazônia, Pantanal e Caatinga.

Cicerone: pessoa que mostra e explica, a visitantes ou turistas, os aspectos mais importantes ou curiosos de um lugar. Modernamente é mais conhecido por guia turístico.

Ecoturismo: tipo de turismo rural voltado para a natureza, para sua contemplação e seu estudo. Esse tipo de turismo é feito em espaços ambientalmente limpos e em áreas preservadas. Busca a formação de uma consciência ambientalista, por meio da interpretação do ambiente e da promoção do bem-estar das populações envolvidas.

Erodidas: desgastadas pela perda do solo.

Gêmeos bivitelinos: gêmeos que, na fase embrionária, foram formados de dois óvulos, e que, por isso, não têm, necessariamente, semelhança física.

Gestão e planejamento ambiental: forma como uma instituição se mobiliza, interna e externamente, para conquistar e garantir a melhoria da qualidade ambiental. Para isso, é preciso uma contínua atualização de profissionais, de forma a se tornarem capazes de conhecer e auxiliar na preservação dos recursos naturais.

Ibama: sigla do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. É o órgão do governo federal responsável pela preservação, fiscalização e proteção do ambiente.

Inveterado ambientalista: pessoa que defende, persistentemente, a preservação do ambiente.

Matas ciliares: matas que crescem às margens de cursos d'água, isto é, de rios, riachos, lagos, lagoas.

Projeto político-pedagógico: plano de trabalho construído e vivenciado, em todos os momentos, por todos os envolvidos com o processo educativo da escola.

Reflorestamento econômico: atividade dedicada a recompor a cobertura florestal, com objetivos comerciais, por meio da introdução de espécies de rápido crescimento e qualidade adequada, para posterior comercialização.

Reserva legal: área das propriedades rurais, em estado natural, fixada por lei para não ser explorada.

Sustentabilidade: capacidade de se sustentar, de se manter. Atividade sustentável é aquela que pode se manter por mais tempo e que, assim como a sociedade sustentável, não põe em risco o ar, a água, o solo e a vida vegetal, dos quais dependem nossa vida e a das futuras gerações.



Na Livraria Embrapa, você encontra
livros, fitas de vídeo, DVDs e
CD-ROMs sobre agricultura,
pecuária, negócio agrícola, etc.

Para fazer seu pedido, acesse
www.embrapa.br/liv

ou entre em contato conosco
Fone: (61) 3448-4236
Fax: (61) 3448-2494
vendas@sct.embrapa.br

Impressão e acabamento
Embrapa Informação Tecnológica

O papel utilizado nesta publicação foi produzido conforme a certificação da Bureau Veritas Quality International (BVQI) de Manejo Florestal.

Este livro integra a Série Educação e Cidadania, projeto concebido e executado pela Prefeitura Municipal de Patos de Minas, MG, em parceria com a Embrapa. Representa um compromisso interinstitucional, cujos parceiros somam forças na busca de soluções para os desafios do desenvolvimento sustentável, tendo como enfoque a cidadania da família do campo em harmonia com o meio ambiente.

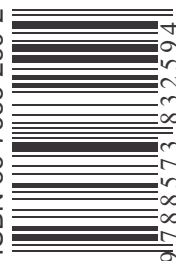
Segredos da Serra dos Macacos é uma criação coletiva da qual participam educadores, escritores, artistas gráficos e ilustradores. É um incentivo a práticas educativas baseadas em novas formas de abordagem e intervenção no contexto rural. Retrata nuances da vida no campo, mesclando a coragem e o desejo das personagens, similares aos da nossa gente.



Ministério da
Agricultura, Pecuária
e Abastecimento



ISBN 85-7383-259-2



CGPE 4577